

Freire explica política de alianças do PCB

Irritado com a acusação de um ouvinte de que o PCB preocupava-se em fazer alianças com a direita para conseguir cargos públicos, o candidato do partido à Presidência da República, Deputado Roberto Freire, defendeu ontem o apoio dos comunistas ao Presidente José Sarney e ao PMDB.

Em entrevista à "Rádio Jornal do Brasil", Freire fez questão de argumentar que o PCB "nunca se aliou ao autoritarismo".

Acrescentou que o apoio do **partido** a Miro Teixeira nas eleições de Governador de 1982, na época em que Miro era ligado ao chaguismo, "foi o preço da aliança nacional feita em torno do PMDB para combater a ditadura".

— Se isso não tivesse acontecido, o PCB não estaria aqui hoje, discutindo alianças publicamente — disse Freire.

Ele garantiu que desde 1964 o partido defendeu a política de frente com "setores democráticos" que acabou generalizando-se na esquerda, a partir de 1974, com a vitória do

MDB.

Freire também defendeu o PMDB das acusações de direitização e afirmou que "a direita está saindo do PMDB, ou, pelo menos, não está se integrando à campanha de Ulysses Guimarães". Ele ressaltou que, em sua opinião, em uma eventual disputa entre Ulysses e Mário Covas (PSDB), os conservadores apoiarão o candidato do Partido da Social-Democracia Brasileira e não o peemedebista.

Freire considerou improvável que Brizola tenha apoio dos conservadores, embora procure, em sua opinião, alianças com estes setores. Disse também que em nenhuma hipótese a direita o apoiará ou ao candidato do PT, Lula.

O candidato do PCB também defendeu a estatização do sistema bancário do País, caso não consiga redirecioná-lo para o financiamento da produção. Disse, no entanto, que antes que o Estado assuma o controle total dos bancos, deve tentar editar uma lei de reforma bancária.